



A CAÇADA REAL: SUA GÊNESE¹

A CAÇADA REAL: ITS GENESIS

A CAÇADA REAL: SU GÉNESIS

Zetho Cunha Gonçalves²

Em finais de Janeiro ou princípios de Fevereiro de 2007, o actor e encenador Paulo Patraquim convidou-me a escrever uma peça de teatro. Tratava-se de um projecto centrado em 10 peças escritas por autores africanos, a partir das *Fábulas* de La Fontaine, que se destinavam à representação pelo Grupo Bica Teatro, de Lisboa, em escolas do ensino básico.

Quanto aos textos, deveriam obedecer a dois quesitos: não terem muitas personagens (para não onerar os custos nem dificultar a montagem no espaço exíguo das salas de aula), e a acção da fábula ser transposta para o espaço africano.

Não obstante vários autores terem acedido ao convite e terem escrito as suas peças, esse projecto acabou por não ter passado disso mesmo: um belo projecto que se não realizou, por falta de verba.

A esse convite se deve a escrita e a existência de *A Caçada Real*.

Publicada em Lisboa pela editora Bonecos Rebeldes, em 2007, a peça saiu no Brasil pela Matrix Editora, de São Paulo, em 2011, sendo ambas as edições ilustradas pelo pintor moçambicano Roberto Chichorro. Posteriormente, em 2013, teve edição moçambicana, integrada na Colecção Acácia, da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, com ilustrações de Luís Cardoso.

Até hoje, que seja do meu conhecimento, *A Caçada Real* não foi ainda levada à cena.

*

1 Este texto, ainda não publicado, é uma espécie de depoimento metaficcional. Foi escrito propositadamente para um trabalho académico, de mestrado, de Camila Lima Sabino, apresentado em dezembro de 2013 na Universidade Federal Fluminense, no Brasil, sob orientação da Prof.^a Renata Flávia da Silva.

2 Escritor e poeta angolano. E-mail: zethogoncalves@gmail.com



Pegando numa edição portuguesa das *Fábulas* de La Fontaine, não me foi difícil a opção por uma delas, *O Leão que Levou o Burro à Caça*.

Esta fábula por quê, e não outra? – perguntar-se-á.

Sendo o Leão reconhecido como o rei da selva, e não sendo ele um gênero de monarca que exista na Europa, a não ser em estado de exílio e sequestro nos cativeiros dos Jardins Zoológicos, é um animal para mim extremamente familiar: vi dezenas deles no meio do mato, em Angola. E sei bem como a terra foge e resvala por debaixo dos pés, e como as árvores vibram e sacodem ramos e folhas e frutos, com o vento estremecido pelos seus rugidos. Devolvê-lo, mesmo que pelas artimanhas da ficção dramática, ao seu *habitat* natural, seria um gesto da mais elementar justiça da minha parte.

Isto, por um lado. Por outro, a personagem do Leão é ela mesma, e só por si, uma daquelas personagens verdadeiramente excepcionais: instigante, majestática e poderosa (ou não fosse ele o rei da selva), capaz de espicaçar a imaginação até quase ao delírio da criação e da invenção.

O Burro (ou Jumento): aí está outra tão simpática criatura, que, ao contrário de muitas outras alimárias, não faz jus ao nome que tem. É um animal inteligentíssimo e sagaz, afectuoso e bonacheirão, este «nosso irmão», como lhe chama Luiz Gonzaga numa canção – *Apologia do Jumento (O Jumento é nosso irmão)*.

Aqui, Camila querida, peguei no disco de Gonzagão e Gonzaguinha, *A Vida do Viajante*, e coloquei-o no gira-discos – ou vitrola, como vocês dizem aí no Brasil –, para ouvir essa canção belíssima, de co-autoria de Luiz Gonzaga e José Clementino.

A canção, breve saga libertária, entoada ao som da sanfona, e mais recitada que cantada, onde se reitera que «só não aprende a ler quem não quer», porque «o jumento ensina a ler de graça», já passou. Outras se lhe seguem, celebrando a busca incessante da dignidade humana e a interminável epopeia do sertão brasileiro. Mas ouvi-las agora seria perturbar o ofício a que me propus: escrever um texto sobre a gênese de *A Caçada Real*, destinado ao seu trabalho acadêmico.

Retiro então o disco, desligo o gira-discos, e regresso a esta prosa.

A Corça, terceira personagem da fábula (mas não personagem menor): oh, que menininha tão querida, tão bela, tão ingênua e tão indefesa, que vivamente me comove. Só poderia mesmo ser ela a *vítima* – mas não nos precipitemos, por enquanto.

*

Tenho assim as três personagens à minha frente.

Leio novamente a fábula. Releio, volto a reler tudo vezes sem conta, até ela se afastar de mim, ou tornar-se a presença da sua leitura em mim tão banal, que eu seja capaz de me livrar dela pelo esquecimento. Ou seja, reter da fábula apenas a atmosfera que dela em mim consegui estabelecer a meu favor, e a partir da qual me possa ser possível criar ou fazer nascer o que de todo sei que seja, ou como e o quê poderá vir a ser.

Passaram alguns dias em que esses três animais me devoravam, literalmente. E eu a confrontá-los, a defrontá-los a cada momento. Eles cresciam em mim, e eu não os conseguia dominar, subjugá-los à minha vontade de fazer deles apenas três personagens de uma pequena peça de teatro. A minha cabeça era um furacão de vozes, de rugidos e de patadas e dentadas; de orneios e de filosóficas sentenças de Jumento, com alguns coices ilustrativos à mistura; de bramidos e pedidos de socorro. Uma verdadeira hecatombe, esta pobre cabeça.

Mas a verdade é que o acto de criação literária é sempre um violento terramoto interior, em que nada fica célula sobre célula, como antes estava.

Decidi, então, convocar para uma conversa a sós cada um dos personagens. E, ao contrário do que seria de esperar, não foi o Leão quem primeiro acedeu à minha convocatória, mas sim o Jumento.

Apareceu-me ao fim da tarde, à hora combinada, com um gigantesco computador portátil a tiracolo. Quase não me deixou falar, obcecado por um campeonato mundial de jogos virtuais, em que estava a competir.

Analfabeto competidor virtual que sou, não me restou outra hipótese que não ouvi-lo com a maior das atenções e registar numa caligrafia apressada e descontínua todas as informações e elucidações que me ia fornecendo, numa linguagem científica e não raro codificada de exímio informático, sem me dar espaço a qualquer esclarecimento de dúvida.

Quando o tempo da nossa entrevista estava praticamente esgotado, consegui que me falasse um pouco da sua dieta. Fiquei então a saber que exerce também a função de conselheiro herbívoro, sendo os seus serviços muito procurados e apreciados pelos mais variados tipos de animais, carnívoros inclusive, segundo me afiançou. Sobre a sua idade, limitou-se a dizer-me, com um sorriso enigmático e de pata estendida para as despedidas, que tem a idade do reinado do vigente monarca da selva. E lá se foi, a trote, depois de ajeitar a alça do seu computador portátil sobre o ombro.

Ao final da manhã seguinte, recebi um telefonema do rei Leão, a desmarcar o encontro. Alegou problemas de saúde, um resfriado. E prometeu voltar a telefonar assim que se sentisse melhor, para marcarmos nova data. Desejei-lhe, naturalmente, rápidas melhoras. E fiquei à espera que Sua Alteza Real da Selva se dignasse telefonar-me.

Recebi a Corça numa tarde de sábado. Vinha lavada em lágrimas, aflita com o destino que eu lhe iria dar. Mas, muito mais aflito do que ela estava eu. Não fazia a mínima ideia ainda do que haveria de fazer com aqueles ilustres personagens. A única coisa que via era o prazo com que me tinha comprometido para a entrega do texto a entrar numa vertiginosa contagem decrescente. E isso, caramba, era razão mais que suficiente para me deixar num sufoco e num desespero muito pouco recomendáveis.

Tentei tranquilizá-la, dissimulando tão bem quanto podia a minha própria aflição perante o texto que não havia maneira de se estruturar e começar a tomar forma.

A sua timidez e a sua ingenuidade comoveram-me profundamente. Várias vezes tirei do bolso o lenço e lhe enxuguei as lágrimas. Em determinado momento, como acontece geralmente com todos os tímidos, ela soltou a língua. E contou os casos mais bizarros que eu já alguma vez ouvi sobre o reinado deste monarca, os seus desmandos, a imposição de novas tecnologias da comunicação em toda a selva (razão por que o Jumento me apareceu de computador a tiracolo, fiquei então a saber), os seus caprichos com a alimentação, a sua loucura obstinada com a eterna juventude e a imortalidade, etc., etc. E foi pela Corça que fiquei a saber da idade, quer do Jumento quer do Leão.

De repente, olhou para o sol a declinar já no fim do horizonte, falou-me ainda de certos pormenores da sua vida privada, e despedimo-nos com dois beijos afectuosos nas faces.

Partiu muito bela e serena, juro que sim.

Dois ou três dias depois, batem à minha porta. Moro num rés-do-chão, e não é meu hábito perguntar:

– Quem é?

Abri a porta, e, qual não foi o meu espanto, quando dou de caras com o imponente Rei da Selva a sacudir a juba ali à minha frente, soltando um espirro medonho. Mentiria, se não dissesse que apanhei um tremendo susto. Mas logo o próprio rei Leão me tranquilizou, dizendo que o feiticeiro dos astros (que sempre consulta em casos de relevante importância) o havia aconselhado a não me telefonar e a aparecer de surpresa.

Sentámo-nos bem de frente um para o outro. O rei, sempre a fungar, a espirrar e a tossir, começou por desligar o seu moderníssimo e complicadíssimo telefone celular, para que não houvesse nenhuma inoportuna chamada a interromper-nos a conversa.

Por precaução, fingindo seguir-lhe o exemplo, coloquei o meu telefone celular em toque de silêncio, não fosse o Diabo querer entrar na festa, também – provavelmente à dentada contra mim, anfitrião indefeso de tão imprevisíveis criaturas.

Anossa conversa não se pode dizer que tenha decorrido num clima de absoluta cordialidade. Mas faltaria à verdade, se dissesse que a animosidade fosse de tal grau que a não pudesse ou soubesse contornar a meu favor. Com destemida perseverança, lá consegui levar Sua Majestade a falar-me do historial do seu reinado (completaria dali a poucos dias 85 anos de idade e 70 anos de reinado), das modificações que a vida na selva havia sofrido com a implementação das novas tecnologias digitais e da sua própria dieta alimentar, entre outras questões relacionadas com a sua autoridade e temeridade perante os súbditos.

De tudo me foi falando abertamente, sem rodeios. E revelou-me a sua maior fragilidade:

– Sou terrivelmente supersticioso – asseverou. – Nada me custa admitir, ser um incurável hipocondríaco da superstição, na mais rigorosa acepção do termo.

Não dava um passo na sua vida, um único passo que lhe parecesse importante, conforme sublinhou, sem consultar antes o seu secreto e pessoal feiticeiro dos astros. Seguia os seus conselhos religiosamente: não estava para sofrer um atentado contra a sua majestática figura. Ou morrer envenenado ou doente: ainda se sentia muito jovem e com um radioso futuro ao seu dispor, para dirigir os destinos do seu reino, ou seja, de todos os animais da selva, seus súbditos incondicionais.

Depois, falou-me das novas tecnologias e da sociedade da informação, cada vez mais globalizadas e banais no mundo dos nossos dias, confidenciando-me ser o Jumento o orgulho do seu reino nesse domínio. Era o Campeão Mundial de Jogos Virtuais nas redes sociais, e era o seu conselheiro pessoal para as novas plataformas de comunicação, responsável pelo correio electrónico e pelos conteúdos da página oficial do reino, na *internet*.

Isto, para além de o servir como conselheiro herbívoro, aconselhando-lhe os melhores capins e as folhas tenras de certos arbustos, as mais gostosas e nutritivas.

Revelou-me, ainda, estar a ter certos problemas com o comportamento irreverente e a insubordinação de certos dos seus súbditos, referindo-me os casos do Elefante e do Rinoceronte, que vivamente o preocupavam, e de quem me disse o pior que se pode dizer de alguém.

Não houve um único instante em que a sua postura arrogante se me não fizesse sentir. Porém, por detrás daquela mítica autoridade, notei um ser quase humano – ligeiramente alquebrado pela idade, contraditório e frágil, não raro inseguro e muito temente ao ditame dos astros –, escudando-se na arrogância e no poder discricionário que, por herança genética, detinha para dissimular a sua verdadeira personalidade.

Despedimo-nos cerimoniosamente, não sem antes eu ter que ouvir uma ameaça das suas:

– Veja lá bem o que é que você vai fazer dessa *caçada real*, porque, se a coisa não me agradar, pode ter a certeza de que volto cá e não serei nada meiguinho consigo.

Não resisti, foi mais forte do que eu:

– Vossa Majestade já consultou o seu feiticeiro dos astros sobre o assunto? Seria muito conveniente ouvir primeiro esse seu *guia espiritual*...

Surpreso pela minha resposta, o rei Leão fez um ar de caso, acenou-me com a pata direita no ar e um menear de cabeça vagamente ameaçadores, enquanto voltava a conectar o seu telefone celular.

E lá se foi, certamente magicando na sua festa de aniversário.

Decidi nesse dia jantar fora, beber um bom vinho, e espairecer o mais possível a cabeça e as ideias que a atravessavam em catadupa, sem que alguma se me afigurasse digna de materialização de escrita.

A contagem decrescente entrava na sua fase final, e a única coisa que eu tinha certa e definitiva, agora, era o título, gentilmente oferecido pelo próprio rei Leão: *A Caçada Real*. Nada mais.

*

Sobre a minha mesa de trabalho acumularam-se entretanto dezenas de papéis, de todos os tamanhos e feitios, com as mais variadas anotações, frases, hipóteses e ideias para a escrita da peça. Um caos monumental de papel a submergir-me, ao qual é preciso acrescentar as memórias das minhas conversas com cada um dos personagens. Tudo isto ali em turbilhão – e o prazo para a entrega do texto já quase a decepar-me a cabeça.

Sentei-me, finalmente, decidido a escrever qualquer coisa que fosse capaz de desbloquear o atarantamento mental em que me encontrava. Liguei o computador, abri no computador um novo documento, e escrevi na primeira página o meu nome e, por baixo, o título: *A Caçada Real*, em maiúsculas e num corpo de letra maior.

Na página seguinte, coloquei o nome e as características físicas de cada um dos personagens, com a respectiva idade. Cliquei para a página seguinte, e escrevi: *Acto I*.

E não consegui escrever mais nada.

Fiquei absolutamente catatónico, como sói dizer-se. Há uma espécie de bloqueio em que a cabeça parece que entrou por um buraco, onde as ideias, as imagens, as palavras, a capacidade de atenção e de concentração, a imaginação e a própria memória são sugadas, deixando um vazio e uma leveza muito parentes, e próximos, da imbecilidade.

Quando assim acontece, o que é muito frequente, desligo tudo e vou andar a pé, sozinho. E, quase sempre, a falar sozinho pela rua, que nem um maluco, vocalizando palavras, pedaços de frases ou versos e ideias desconexas (como se estivesse reaprendendo a decifração, a modulação

e utilidade dos signos), à procura de um ritmo na minha cabeça, ou de uma palavra que calhe ou sirva melhor o propósito da escrita, seja ela qual for. Paro em qualquer lugar, pego num papel e na esferográfica e anoto o que me parece ser o achado que faltava. Mas, a maioria das vezes, é uma breve ilusão: nada daquilo serve, e volta tudo ao princípio. Ou seja, ao tenebroso impasse.

Acontece, no caso concreto de *A Caçada Real*, que foi andando a pé e a falar sozinho, que fui visualizando pela primeira vez o lugar de cada personagem na peça. Mas antes, foi-me necessário fazer passarem pelo crivo da memória as mais remotas paisagens da minha infância, o onde e o quando vi, ao vivo e muito próximo, o primeiro leão. E a memória trouxe-me a imagem nítida em que um leão se nos deparou, a menos de um quilómetro da casa de meus pais, sentado no meio da estrada de terra batida, a olhar para nós dentro da velha carrinha, impedindo-nos de seguir viagem. De nada valia o meu pai buzinar, que sua excelência estava ali para ficar. Até que, não sei quanto tempo depois, mas que ainda hoje meço como uma eternidade, sua excelência levantou-se, deu um urro tremendo, e foi lentamente encaminhando-se para o meio do mato. Eu teria uns dois anos de idade, não mais. Mas, tantos anos depois, ao reviver na memória toda essa situação, voltei a sentir a terra estremecer violentamente debaixo dos pés.

Muito próximo desse lugar, coleando e descendo um pequeno morro, existem umas belíssimas quedas de água: as quedas do rio Cutato, de que falo em vários poemas, e a quem chamo a minha pátria inaugural da Poesia. E assim, regressando ao centro do meu pequeno universo pessoal uma vez mais – ou, se se preferir, ao coração do meu imaginário mais íntimo e secreto, ao seu húmus mais fértil –, achei o lugar exacto para situar a acção da peça, muito embora essa indicação não apareça uma única vez no texto que acabei por escrever, por ser desnecessária e irrelevante para o leitor.

Regressei à mesa de trabalho. E tudo estava muito claro na minha cabeça: o palácio real situar-se-ia numa espécie de gruta onde tantas vezes brinquei na infância, e de onde se pode contemplar não só a cascata de água desde o seu começo, como a outra margem do rio e a sua correnteza para sul.

Tomando em linha de conta que o rei Leão iria comemorar as suas 85 primaveras e os seus 70 anos de reinado, decidi que tudo se passasse no dia do seu aniversário. E decidi, também, que ele, se quisesse oferecer a si mesmo um especial presente, este poderia ser a tal «caçada real» de que me falara.

Como a iria concretizar, isso competia-me agora a mim decidir.

Convoquei à memória as brincadeiras que fazia com os meus companheiros de infância, os lugares por onde nos metíamos, e fui fazendo uma espécie de mapa numa folha de papel, com os nomes de cada um e o papel que representava nessas muito aventurosas brincadeiras.

Depois, peguei em todos os apontamentos que tinha tomado, passei-lhes os olhos em diagonal, separei uma ou outra anotação que me pareceram mais pertinentes, e comecei por colocar o Leão fora do palácio. Teria que ser ainda antes de o dia raiar, escapando à vigilância apertada dos seus escudeiros e guarda-costas.

O Jumento imaginei-o um fundamentalista das novas tecnologias, um viciado em jogos virtuais, a quase não dormir com a preocupação e a obsessão que o fanatismo de qualquer causa sempre comporta. E, lembrando a conversa que com ele havia tido, fiz com que todos os dias se levantasse entre as 4 e as 5 horas da madrugada, e se sentasse imediatamente ao computador, lendo, seleccionando e respondendo ao correio electrónico do reino. Para, seguidamente, ter o tempo todo disponível para o exercício dos seus jogos virtuais.

E é assim que o Jumento aparece: trabalhando num enorme computador, lendo e comentando, para a ponta dos seus cascos afiados, os comentários nas redes sociais e as mensagens que diariamente o rei e o reino recebem. Sendo aquele o endereço electrónico oficial do próprio rei Leão, natural será existirem sempre queixas e insultos da parte dos súbditos.

Ao contrário dos internautas humanos, que não assinam quase nunca as suas diatribes em forma de *comentário* ou de *opinião*, escudando-se na mesquinhez e cobardia do anonimato mais sórdido, estes revoltados animais *dão a cara* (salvo seja!) pelas contestações e pelos comentários que fazem, por mais jocosos ou indecorosos que sejam. E essa é uma insolência que a fidelidade do Jumento ao seu senhor não perdoa. Por ele, todos os prevaricadores seriam punidos com a pena máxima, tal é a veneração que por enquanto dedica ao seu rei.

Aqui chegado, duplico-me: sou o homem com a idade biológica que tenho, e sou o menino de cinco ou seis anos desafiando o adulto para que me encante a imaginação, me surpreenda os sentidos e me faça atingir universos ainda não tocados nem sonhados. Mas sem nenhuma mentira, tudo só invenção e poder criador o mais livres possíveis – invenção e poder criador esses, verosímeis apenas pela fantasia mais insólita e absurda, porque a única verdadeiramente justa e perversa, ou seja, na medida perfeita com que a imaginação infantil, na sua afectividade, justeza e crueldade naturais, se defronta, e com a qual confronta e apreende – ou rejeita – o mundo que a rodeia.

Uma criança, lá por ser criança, não é um imbecil, um atrasado mental, um patetinha, mas o contrário absoluto disso tudo: uma criança é um génio que o não sabe, porque não precisa de o saber. E, menos ainda, de o demonstrar. De que lhe serviria saber tamanha inutilidade? O seu mundo é o mundo da acção e da descoberta, da construção de si e da inquirição daquilo e daqueles que a rodeiam, através das questões que a si mesma se coloca, transpostas para a formulação dessas perguntas de tão difícil resposta que faz aos adultos.

À criança – porque naturalmente sábia – não lhe é útil para nada possuir conhecimento, a não ser o das suas brincadeiras, de que rapidamente se cansa, porque já as domina e precisa de continuar a exercitar a sua imaginação noutra aventura. Mas não tolerará nunca cercearem-lhe a capacidade de devaneio e sonho, ou roubarem-lhe os afectos e o dom da sua natural espontaneidade e sageza, com que a cada nova brincadeira ou conversa vai reinventando os seres e o Universo.

Porque a vida é absurda e bela, e o humor que tanto prezo é uma das formas mais nobres de enfrentar a bizarria e as contrariedades do quotidiano (aqui, o menino que sou e o adulto que também sou, coincidem no seu mútuo acordo), estabeleci uma conversa telefónica entre o rei Leão e o Jumento. E coloquei uma ênfase muito peculiar na utilização por aqueles dois personagens (teoricamente *irracionais* para o adulto, mas não para a criança), das novas *mídias* e dos novos meios de comunicação, como sejam os telefones celulares e os computadores.

Num tempo de tantos avanços tecnológicos, directamente proporcionais aos retrocessos em direcção à dignidade mais elementar do ser humano; num tempo de novos tipos de analfabetismo, sem contudo se ter erradicado o analfabetismo ancestral do saber ler e escrever; neste tempo em que as crianças e os jovens parecem ter já nascido tecendo um aparelho digital (mesmo antes de haverem tocado a pele do ventre de sua mãe), eu quis utilizar esses mesmos meios de comunicação digital, de modo a criar uma forma de empatia com a imaginação implacável do público infantil e juvenil, a quem a peça primeiramente se dirige. Mas essa empatia (que, de mim adulto, para eu criança testei, como sempre faço, quando a escrita se destina a esse público leitor) só poderia estabelecer-se pelo insólito das situações, sustentadas estas pelo absurdo e pelo humor que fui tentando criar no comportamento e nas falas dos personagens.

A escolha das Doninhas fedorentas e dos Morcegos para insultarem o rei Leão foi feita por duas razões: a primeira tem que ver com a sonoridade das palavras, que me parece muito bela; a segunda, e em razão contrária à primeira, pelo facto de serem dois animais repugnantes à maioria das pessoas. Logo, uma tomada de partido por dois dos bichos mais desfavorecidos pela cotação da simpatia humana.

Também a idade atribuída, quer ao rei Leão quer ao Jumento, não é inocente. Se, por um lado, o conflito de gerações é uma inevitabilidade humana (e destas criaturas que da minha imaginação se soltaram, também), por outro lado, pretende-se – neste mundo ocidental e “ocidentalizado” em que vivemos, sempre tão corrido para a morte em obsessiva busca de uma eterna juventude (à qual não escapa o bom do rei Leão, com as suas vitaminas, comprimidos e xaropes!), adulterando e assassinando tudo e todos, sem tempo para nada nem ninguém – pretende-se, dizia eu, que seja também um libelo contra a marginalização, o abandono, o sentimento de inutilidade e a solidão a que os mais-velhos foram e são continuamente votados. E se me atrevo a lembrar esta banalidade quotidiana, é só porque não poderei nunca olvidar-me das minhas origens e da terra onde nasci e me fiz homem, Angola, onde os velhos, as mulheres

e as crianças (a ordem é arbitrária) são seres em quem ninguém toca, maltrata, abandona ou violenta, e se respeitam como valores sagrados da comunidade e da Vida. Isto, naturalmente, nos lugares onde as guerras e o instinto forçado da sobrevivência não dizimaram os valores ancestrais dos seus povos e respectivas culturas.

Acontece, porém, ser o Leão um Rei. E, como rei, um rei poderosíssimo, muito embora já um pouco alquebrado pela idade. Há neste rei Leão, creio eu, a solidão do Poder e a obsessão pelo Poder, a doença do seu exercício despótico. E isso é dado no texto pelo jogo matemático da soma dos insultos por que naquele dia fora brindado, e que logo tomou, seguindo as leituras astrológicas e os augúrios do seu feiticeiro secreto e pessoal, como o seu tempo de vida a viver e os anos que reinaria ainda. Tão humano, afinal, este meu personagem, para quem, tal como para o seu conselheiro informático, a queixa de um Gafanhoto marreco a pedir a mais elementar justiça ao seu amo e senhor, pelo atropelamento de que fora vítima por um Mosquito zarolho, não lhe comove sequer um breve pestanejar!...

Para os medicamentos de um animal carnívoro como o rei Leão, ouvi com a maior atenção as sugestões do menino que sou, e ele tinha razão: todo o medicamento para um Leão terá que ser feito a partir de animais que não entrem vulgarmente na sua dieta mais regular. E assim lhe preparei aquelas vitaminas de pele de jacaré moída, os comprimidos de crista de galo-selvagem, os xaropes de gosma de hipopótamo e rabos de lagartixas saltitões, ou os bífidos activos, de bicos de cegonha com carne de javali, e as pílulas de rabo-de-gato assanhado, a que juntei o semi-vegetariano chocolate de alface e caldos de galinha. Tudo isto, à revelia do feiticeiro dos astros, naturalmente.

Para a construção das falas (ou diálogos), para além de me socorrer das notas entretanto acumuladas, que acima referi, usei e abusei da paciência do menino que sou até ao seu limite. Mas a ele devo também o ter-me lembrado o Posto Secreto n.º 72 (há tantos anos que não o visitava nem dele me lembrava, meu Deus!) e a correcção do dizer de cada frase, para uma oralidade mais ampla, fluida e eficaz, numa linguagem em que a interlocução não descambasse nunca para as sentenciosas pompas inúteis. E foi a seu pedido que tentei criar um texto dramático que se pudesse ler perfeitamente como quem lê uma história.

– Uma história – como ele me disse –, na qual os bichos é que falam, e são os bichos que mandam!

Tentei fazer-lhe a vontade, escrevendo um livro onde o humor aliado à metáfora do mundo em que a superstição, os poderes e as fragilidades, as contradições e as belas surpresas, a tristeza e a euforia (sempre momentânea) não se tornassem moralistas, mas fossem uma pequenina gota de lua na felicidade imaginativa e sensorial de quem eventualmente venha a ler esta *A Caçada Real*. Nem mais.

Mas, ainda hoje, e com toda a honestidade o digo, não sei se o Leão morreu com o potentíssimo par de coices do Jumento, ou não. Para o saber, teria que escrever um outro livro.

*

O texto, sendo basicamente o mesmo, tem duas versões: na versão que foi publicada em Portugal utilizei o tratamento do “tu”: todos os personagens se tratam por “Tu”, não fazendo cerimônia nem distinção. E outra versão (a que foi publicada no Brasil) escrita posteriormente a partir da primeira, na qual os personagens usam o tratamento majestático, como, aliás, deve convir a um rei.

A título de curiosidade, devo dizer que foi debaixo de uma nuvem sufocante de revolta e desencanto (quando não mesmo de ódio latejando por todos os poros) que escrevi *A Caçada Real*, cujo ponto final demorou quatro dias febris e obsessivos de escrita e reescrita, para ser colocado a 21 de Abril de 2007.

Não importa contar aqui as razões desse triste episódio, que tudo tinha que ver com muito do que no texto se trata: a questão da justiça. Mas a sua escrita serviu «como reacção à adversidade, numa busca de reequilíbrio de mim comigo mesmo, e desse lugar mais sereno de mim com o mundo. E o resultado final (independentemente da qualidade literária e estética) é um canto de celebração à Vida e à alegria fundamental de estar vivo e ser feliz. É justamente isso, para mim, aquilo a que poderá chamar-se “uma poética dos afectos”. Não há receitas, nem eu serei capaz de saber explicar tal fenómeno (se é que fenómeno se pode chamar a tão obscura maneira de celebrar o Sol e a Noite). “Mas é esse lado intangível do desconhecido e do mistério que nos faz escrever, criar um poema, uma peça de teatro, um conto, uma história, numa sempre vã tentativa de tocar com a ponta dos dedos o coração da Terra, e querer estar sempre mais próximo dos pássaros que das leis dos homens que nos cerceiam o riso e o espanto”.³

Referências:

GONÇALVES, Zetho Cunha. **A caçada real**. São Paulo: Editora Matrix, 2007.

SABINO, Camila Lima. **A descolonização epistemológica pela morte aos olhos da infância**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Profa. Dra. Renata Flávia da Silva. Niterói: Instituto de Letras da UFF, 2016.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Afeto & poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

Lisboa, 1 a 5 de julho de 2012.

³ Excerto da resposta a um inquérito sobre a “Poética dos Afectos”, de Carmen Lucia Tindó Secco, destinado a um trabalho seu de pós-doutorado, publicado no livro: *Afeto & poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014. (N. do A.).